

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 76

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 2 de Maio de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesa
R. DE PAIO GALVÃO

DEPOIS DO CONGRESSO

Com a assistencia de 600 delegados representantes de outros tantos corpos administrativos e políticos do país, realisou-se em Braga o congresso anual como determina a Lei Orgânica do Partido Republicano (histórico). A éle assistimos, e, seja-nos licito dizer, não levamos, não fomos ali com outro mandato imperativo que não fosse o nosso espirito crítico, cioso de crear noções exactas sobre o que podia valer um Directorio que, contra a opinião de muitos, ainda se dizia ter uma função a desempenhar na politica republicana em geral.

Com serena e desapaixonada expectativa fomos, pois, recolhendo da atmosfera vivificante e intensa dessa magna assemblêa de republicanos, todo o marear impressionante da verdade que buscávamos.

Mas recordemos: Em circular de 12 de Novembro de 1911, dizia o Directorio que, *por enquanto*, não devia dissolver-se esse poder dirigente e cuja estrutural força residia nessas comissões populares chamadas comissões parquiais, municipais e distritais, embora, acrescentava a mesma circular, o seu papel depois do triunfo da República houvesse de ser outro, visto que, lamentavelmente cedo, grupos partidários haviam surgido.

Limitada a sua função de alto corpo dirigente em poder moral de coordenação, propunha-se o Directorio ser o «nexo unitivo» entre os diversos grupos republicanos, não obstante a diversidade dos seus programas. Este patriótico propósito, porém, foi tomado, desde logo, como platonismo excessivo, senão tática oportunista para as conveniências politicas de um dos grupos, o Democrático, — a despeito de o Directorio haver dito que jámais se tornaria «poder oculto de qualquer grupo ou personalidade prestigiosa».

Alguns mezes decorreram sobre o sonho quimérico, mas bom, de ver pelo Directorio realisada a unidade do Partido Republicano; mas, em vez de isso se presenciar, por su-

premo interesse do momento nacional, o esguedelhar da luta continuou infrene. Era pois evidente que só o grupo Democratico estava com o Directorio, facto este que levava os seus adversarios a dizerem... que um e outro eram a mesma coisa.

Era assim? não era assim? Fomos á procura da verdade ao Congresso; e porque a tal respeito uma opinião segura e logica se fez, no proximo número a darêmos, oferecendo-a a todos quantos nos perguntam — **com quem vamos!**



1.º de Maio

E' o dia consagrado universalmente á Festa do Trabalho. Na anciança bendita de justiça, os oprimidos da sorte, os párias da desgraça, a grande familia anónima dos que moirejam produzindo a riqueza, a abastança e o conforto... para os outros, sentem neste dia bater mais forte o coração, erguido em sonho belo para as aspirações dum emancipação social e n que ha um pão para cada bôca e um carinho para cada alma.

A «Alvorada» saúda, pois, neste dia o operariado vimaranesa, comungando com eles a alegria da sua festa.

As amas dos padres

O deputado *avanzado* Manuel Bravo, propoz ha dias no parlamento a revogação do artigo da lei de separação que estabelece, segundo s. ex.ª disse, pensões ás amas dos padres, ou coisa parecida.

Pois tanto bastou para que os jornais vaticanistas, como anuncia um telegrama enviado de Rôma ao «Seculo», declarassem confiar nessa revogação porque, segundo eles, é imoral a disposição daquela lei que concede, efectivamente, pensões ás irmãs e filhos dos ministros do culto católico, em caso de morte destes, ocorrida depois de fixada a pensão, ou desde o dia da proclamação da República, verificando-se, a requerimento dos herdeiros, que teria direito a ela (art. 152).

Não acham imensa graça a esta conformidade de opiniões entre um deputado *avanzado* e os jornais vaticanistas?

Posta-restante

Anuncia-se para breve a integral publicação da *posta-restante* dos jesuitas: cartas e documentos muitissimo interessantes, que aquêles corvos, ao partirem de Portugal, deixaram nos coiros onde exerciam o seu *santissimo* mister.

A imprensa da Capital augura um pyramidal successo á publicação em perspectiva, porque ela virá definitivamente esclarecer o bom povo português acerca dos manejos de toda a ordem, sem excluir os de caracter politico, de que usavam os santarrões que a República houve por bem pôr ao largo.

Esperêmos um pouco mais e será satisfeita a nossa curiosidade.

Bomba explosiva

O caso da bomba explosiva, colocada ha dias numa janela da loja onde existe a tipografia Guise, nesta cidade, e onde se imprime um pasquim, merece a nossa mais veemente reprobção. Estes atentados não dignificam ninguém.

Quem tiver inimigos, ainda os mais asquerosos, como os escrementos do «Patriota», deve combatê-los de frente e tomar a responsabilidade da revindita em que foi obrigado a lançar-se.

Mas combatê-los com bombas... *cebolório!*

A mendicidade nas ruas

A Sociedade Propaganda de Portugal está-se ocupando com interesse do problema da mendicidade nas ruas de Lisboa. Assim, tem essa prestante agremiação instado junto do sr. governador civil da capital porque se criem ali institutos de assistência social, que são indubitavelmente necessários a fim de se evitar, quanto possível, a exhibição, nas ruas, da da miséria a que são votadas certas criaturas por circunstâncias imprevisitas. Criados que sejam tais institutos, os cidadãos que pretendam dar a sua esmola enviá-la-lhão, de preferéncia, aos mesmos institutos, coibindo-se, deste modo, a pública mendicidade.

¿Cá na terra não haverá quem, com igual empenho ao da Sociedade referida, se disponha a fazer outro tanto a favor dos mendigos de Guimarães?

¿Para onde convergirá agora aquela extrema caridade cristã que em tempos idos só se preocupava em alentar os *pobresinhos* dos jesuitas que existiam em Santa Luzia? ¿Para os pobres que mendigam nas ruas?... Se assim é, haja quem imite a Sociedade de Propaganda, no intuito nobilissimo de evitar a degradante exhibição, nas ruas, da precária situação a que chegaram alguns dos nossos irmãos.

Os duelos

Sousa Costa, o brilhante cronista do «Janeiro», cuja prosa bizarra delicia os mais exigentes, insurge-se numa das suas cartas de Lisboa, de ha dias, contra os duelos em plena República, mormente porque esta, em lei ha tempo publicada, nobremente procurou pôr-lhes um dique.

Concordamos, sob todos os pontos de vista, com a doutrina exposta pelo illustre escritor. Os duelos devem acabar dama vez para sempre, não só porque a lei os proibe, e nós sômos intransigentes legalistas, mas ainda porque dêles nunca pode advir uma honrosa desforra para qualquer dos contendôres, seja qual fôr o seu resultado.

Demais — para que foi que se criaram os chamados tribunais de honra?

MÁ IMPRENSA

A liberdade de pensamento é uma das mais belas prerogativas que o homem civilisado deve esforçar-se por manter, indo altivamente ao encontro de quem quer que seja, que pretenda coartar-lh'a, a fim de o obrigar a conservá-lo no gozo integral dela.

Porém, quando se abusa dessa prerogativa, aproveitando-a somente na intenção exclusiva de reprimir a obra dos outros, não em nome de principios que mereçam que lhes concedamos um momento de atenção, mas sim para ser agradável a insensatos que não sabem compreender os mais elementares deveres dos cidadãos livres nesta altura da civilização em que parar é morrer, — forçoso é que confessemos que essa liberdade se transforma em licença, que cumpre cassar.

Sobretudo na provincia, ha tempos para cá, pululam jornais infames, cuja orientação não será facil determinar. Umavez dizem-se republicanos, mas republicanos duma novissima e tão grutêsca espécie, que a gente, ao considerá-los, fica pasmada, atônita, sem saber onde iriam parar estes modernos ideólogos em matéria democrática, se por ventura um capricho da sorte os deixasse tomar alento para seguir viagem; outras vezes então manifestam-se monárquicos, mas monárquicos ultra-conservadores, embicados como freiras, carrancudos e jesuiticamente alanceados por dôres desconhecidas, que denunciam, contudo, tenebrosas tendências para o absolutismo do sr. D. Miguel ou outro quejando camafêu que com este em tudo se pareça.

Ora, com a maxima franqueza, se acaso isto é pensar, não pensem, senhores jornalistas: ruminem antes e a ruminar fiquem até que volte o tempo em que os legítimos animais falavam e enfim eram chamados a compartilhar dos nossos sagrados direitos...

A República e os padres

CARTAS A UM CAMPONEZ

Os passais

Meu amigo. Os padres da tua terra andam por aí a dizer-te que o governo da República tudo lhes quer roubar.

¿Mas o que é que a República tirou aos padres?

Aquilo que era dêles? Não. Tu bem vês que os padres teem, como tu, os bens que eles herdaram de seus pais.

Ninguém lhes quer o que é dêles, como ninguém quer o que é teu e que tu ganhas com o suor do teu rosto.

Mas os passais? dizes tu. Os passais não são do padre, tu bem no sabes.

Se o padre morre, a familia não herda, nem uma geira do passal.

Serão da Igreja? Também não são, porque os frutos que o abade colheu no passal, herda-os a familia. Se fossem da Igreja, a fortuna que o padre fez na tua freguezia, ficava p'rá Igreja e não p'rá familia.

¿De quem são então os passais? Os passais são teus, são meus, são de todos nós, que somos a República.

E é por isso que a República toma conta dêles, para os dar a todos nós.

Dizem-te os padres que não. Dizem-te que os passais são da Igreja, e que a Igreja foram dados noutros tempos pelos fieis.

Pois responde-lhes que mentem.

Esses bens foram ha muitos anos roubados, pelos padres e pelos bispos, aos teus antepassados.

Os padres que sempre te andam com n.entiras, não podem ouvir que se diga a verdade.

Pois vou dizer-ta eu.

Resam dêses roubos livros antigos e modernos e que os padres agora não podem queimar, como dantes faziam a quem não lêsse pela sua cartilha.

Fala dêses roubos um homem, que foi o nosso melhor historiadador e um teu grande amigo, o sr. Alexandre Herculano. Fala dêles também um homem que tu não conheces, mas que o teu padre não é capaz de dizer que mente, o sr. Gama Barros.

Queres saber a verdade?

¿Queres saber como se formavam a môr parte dos chamados bens da Igreja?

Como se formaram os bens da Igreja

Foi assim: antigamente, não ha mais de sete séculos, os padres e os bispos reuniram-se e trataram de ver a melhor maneira de roubar os povos; e resolveram dali por deante não enterrarem mais

ninguem em sagrado, nem administrarem os sacramentos, se os cristãos não fizessem testamento deante do padre, e não deixassem *terço dos seus bens p'ra passal*.

Mas não ficaram por aqui. Tempos depois, se alguém fizesse testamento sem ser em presença do padre e não deixasse o terço dos seus bens p'ra comédia d'elles, o testamento ficava nulo, e o terço sempre lhes ia cair nas mãos. E, se morriam sem testamento, os padres lá iam buscar o terço pela força duma lei que elles inventaram.

Como vês, não havia modo de fugir á roubalheira. Aos medrosos diziam-lhes que não podiam salvar a sua alma, se não comprassem o reino dos ceus com o terço do seu dinheiro. Aos outros, quer quizessem, quer não quizessem, lá lhes roubavam a mulher e os filhos, ficando-lhes com a terça dos seus haveres. Os padres de agora não fazem o mesmo porque a lei não deixa.

Como vês, a República, que somos todos nós, não faz mais do que restituir-nos aquilo que elles nos roubaram, quando eram elles que mandavam nas coisas deste mundo. Cristo disse que o seu reino não era deste mundo. Mas os padres pouco se importam com Cristo; o que elles querem é mesa farta, barriga cheia e fêmea boa.

Cristo, quando andou por este mundo, nem tinha passais nem levava dinheiro pelos seus sermões, nem prometia o céu a quem lhe deixasse a terça da sua fortuna. O reino do céu — disse ele — não se compra a dinheiro: conquista-se com boas acções.

A República portuguesa foi mais generosa para os padres que os governos doutras nações

Mas a República, ainda assim, foi generosa para com os padres. Não fez como noutras terras deste mundo de Cristo, em que os governos das nações separaram o Estado das igrejas, dando ao povo o que era do povo, mas deixando os padres quasi na miséria. Nada lhes deram as outras nações, que os compensasse da perda dos passais, da perda dos direitos que o povo, quer quizesse, quer não quizesse, lhe era obrigado a pagar, e nem, até, dos direitos adquiridos como empregados do Estado. Muitos, para ganharem de comer, tiveram de ir para criados de café, que é a taberna da gente rica, como sucedeu em França.

A nossa querida República não fez assim. Como mãe carinhosa que é de todos nós, portugueses, lavradores ou padres, sabia que os párocos eram empregados do Estado, que os nomeou para as freguezias e que por isso para o Estado pagavam direitos de mercê. A nossa querida República sabia que muitos padres eram, como tu, filhos do povo. Sabia que os obrigaram a seguir aquela carreira contra vontade. Sabia que muitos sustentavam os pais e as irmãs. Sabia tudo isto.

E que fez a República? Tirou-lhes o pão, lançou-os na miséria? Não.

A República, grande como a Justiça, sem deles exigir um único serviço, senão o de amarem a nossa querida Pátria; sem lhes impôr um único preceito sobre a sua religião e a sua fé, — deu áquelles que a quizessem aceitar uma pensão, que equivallesse ao rendimento anual da sua freguezia (se este não fosse de mais) para o compensar daquilo que tu até agora lhes eras obrigado a pagar, e que, p'ra o futuro, só pagas, se quizeres o poderes.

Porque é que o teu padre não aceitou a pensão?

Já vês que quando o teu padre se queixa de que a República o persegue, mente.

Quando o teu padre te diz que a República lhe tirou o pão e te pede uma esmola, mente. Mente,

como te mentiu quando disse que a República perseguiu a religião.

Tu bem vês que a República não persegue a religião de ninguém; tu vais á missa como dantes, tu confessas-te como dantes, tu casas e batizas os teus filhos como dantes e tu vais ás festas e romarias como ias até agora. Em que é, pois, que a República persegue a tua religião?

Tu só não és obrigado a pagar ao padre como dantes: pagas-lhe se quizeres, se poderes, ou se ele o merecer. E é por isto que o teu padre te diz mal da República: e é principalmente por isto que o teu padre te mente, querendo fazer-te odiar a República, que é a tua melhor amiga.

Quando o teu padre te diz que a República vai fechar a igreja da tua freguezia, por ele não aceitar a pensão, mente: a República permite-lhe exercer todos os actos do culto como até agora. Se elle accettasse a pensão ficava até com a residência? O teu padre não quiz a pensão, não quiz a residência? A culpa foi d'ele, porque não quiz aceitar o que a República lhe dava, sem nada lhe pedir. A culpa não foi tua, a culpa não foi da República.

Diz o teu padre que não podia aceitar a pensão, porque ficava excomungado e o papa não deixava.

O teu padre mente.

O papa não excomungou ninguém e muitos padres aceitaram a pensão. O papa nessas coisas não manda e diz a tua religião que elle só manda em cousas de fé e de costumes. Se quizer mandar na casa dos outros, os governos das nações metem-no na ordem. Fora disso, é um homem como os outros, e alguns tem havido que tem feito mais peccados do que a tua freguezia inteira, desde que o mundo é mundo.

Por isso o teu padre mente quando diz que a religião lhe prohibia aceitar o que de boa vontade lhe dava a República.

Tu ainda te deves lembrar dalguns frades que foram expulsos dos conventos no tempo dos miguelistas. E sabes que o governo daquelle tempo tomou conta dos conventos, mas deu a cada um desses frades uma pensão anual para elles se sustentarem, além das missas que dissessem e das freguezias que pastoreassem.

Pois bem; todos esses frades aceitaram a pensão. Nem o papa os excomungou, nem a religião lho prohibiu. Porque é que o havia de prohibir agora? Então a religião mudou? Então o que é a excomunhão para um papa, não o é p'ra outro?

Bem vês que o teu padre mente. Mas porque é que o teu padre te mente? porque é que o teu padre não quiz a pensão?

Hei-de dizer-to numa proxima carta.

De A Montanha.

AS "GUALTERIANAS,"

Meus senhores: está aberta a subscrição!

Eis a norma das cartas circulares que vão ser distribuidas. Encertam as suas palavras, cheias de logica, um apelo que, não será errado ajuisar afirmando que elle terá aquelle proverbial e bom acolhimento que tanto nobilita esta terra e orgulha a colectividade promotora — a Associação Comercial.

A comissão delegada pela Associação Comercial para dar continuidade á ideia, sempre acolhida com carinho, da realisação das grandiosas e inolvidaveis *Festas Gualterianas*, tem a subida honra de participar a V. Ex.^a, que, em breve, vai iniciar a subscrição pública.

Consomem as nossas *Festas Gualterianas*, pelo apogeu de grandesa a que o proprio coração e patriotismo da cidade as elevou,

um enorme e esgotante trabalho por parte das suas comissões promotoras: A convicção, porém, de que ellas representam um bom e eficaz estímulo aos progressos desta cidade; que são um evidente motivo de vantagens, directa ou indirectamente colhidas para o seu comércio e industria; que significam, em suma, uma utilissima conveniência social pela ordem e filiação de sentimentos que acorda e comunica, fazem com que do proprio sacrificio renasça e se avigore a vontade de as continuar pois são já hoje um titulo de gloria e uma herança apreciáveis para que se desperdicem e abandonem os seus resultados praticos.

Que estas razões logrem sêr, mais uma vez, apreciadas e reconhecidas por V. Ex.^a, são as nossas mais animadas esperanças para o indispensavel bom êxito da tarefa que, por amor á terra de Guimarães, nos propomos levar a effeito sem desfalecimentos.

Guimarães, Maio de 1912.

A Grande Comissão.

UMA GALERIA

Tipos populares da nossa terra

III



O "Manáca,"

Eu julgo um crónico o Manáca. Tipo muito conhecido de todos, velho, gasto já na nossa memória, êle aí vai vivendo cronicamente, sem cuidados, sem vida, de côco e pau, um risinho brêjeiro, direi até, abandonado como os papeis velhos.

Em tempo arrelviava-se com a *matadura*, e quando o acoçavam de Manáca êle ia ás nuvens e rarrissimas vêzes não tentava zurzir o parceiro com o pau. Hoje não. E' preciso levar a vida, e... todos o ajudam; um cigartinho, um vintem para um côpo... é preciso condescender e mostrar boa cara aos *freguezes*, não é verdade?

Foi tempo, Manoel; foi tempo. Já lá vão as tuas estridentes e sonoras gargalhadas; tu foste *artista* no riso e fazias rir os outros; tinhas fechado em tua mão, o segredo da gargalhada! Tiveste ditos originaes que te davam *brilho*, bons namoros... hoje... — sim, sim. O que todos querem é divertir-se á minha custa; se me dêssem alguma coisa era o que eu queria...

— Olha: dou-te um tostão, queres?... Porém has de deixar-me tirar-te o retrato para o dar af a uma pessoa.

— Ah! Ah!
— Então: olha que estou a falar sério... aceitas?

— E' a mangar comigo...
— Não é, não. Anda lá ao Dominguinhos Réu.

— Tu és ainda muito simpático, e a Cachêna ainda te quer, ouviste?... Qualquer dia terás o teu casamento com ella, não?
— Ah! Ah! Ah!

O Manáca passa á nossa porta, descobre-se respeitosamente e, disfarçando o seu sorriso de todos os momentos, arranca dos lábios a *beata* quasi sempre gasta até á última, interroga-nos com o olhar: se lhe parece, pelo nosso semblante, que não podemos aturar-lo, *raspa-se* e... volta mais tarde.

Aqui há tempos, interroguei-o:
— O Manáca, quem foi que te *crismou*?

— Eu sei lá: Isso lá foi com os cocheiros do Zé Miguel, ali da Senhora da Guia...

— Mas tu não precisavas de andar pela estalagem a divertires-te com os cocheiros; tinhas a tua familia, que bem lhe custava até saber-te assim relacionado... a não ser... sim, a não ser que tu gostasses da Rôsinha, da filha lá da casa, hein?

— Ah! Ah! Ah!... Quem me dera nesse tempo. Ela era muito minha amiga, isso era, e eu...

— Dize, dize!
— Eu tambem gostava muito dela, isso é verdade.

— E ella, segundo dizem, que era uma boa figura...

— Lá isso era linda como os amôres.

— Tu não te davas ao respeito diante dela, segundo me disseram, e daí ella deixar-te; mas, enfim, o que lá vai, lá vai; a tua predilecção agora é a... Cachêna; tu lá sabes a tua vida.

Há bons quinze anos que eu conheci o Manáca na loja do Pontes, na mercearia. Era ali o seu poiso e já fazia falta a sua ausência, quando não vinha entreter com riso os habituais da casa.

Agora vagueia ao acaso por essas ruas, *crónico* como o brasileiro, de côco sempre e pau ao lado. Estão ali sessenta anos que nada deram, que nada produziram; uma banalidade na crónica dum tipo popular á força de tempo.

Alberto César.



Associação de Classe dos Operários das Quatro A. de Construção Civil. — No próximo domingo, 5 de Maio, realisa-se a festa inaugural desta nova e florescente agremiação operária, com o seguinte programa:

Alvorada com uma salva de tiros, percorrendo as ruas da cidade uma banda de musica, que executará o hino da Associação.

As 11 horas, será resada, no templo de S. Francisco, uma missa por alma dos sócios falecidos, sendo no final benzida a nova bandeira da Associação.

Durante a tarde, terá lugar um bazar de prendas, alleiadas pelo bem conhecido e afamado *Rijão*.

A' noite, haverá um vistoso arraaal com iluminação, fogo de prendas, fazendo-se ouvir a banda «Bôa União», no seu vasto e selecto repertório.

A sêde da Associação, sita na rua de Vila Flôr, será engalanada a capricho.

Instrucção.—Está a concurso a escola do sexo masculino da freguezia de Moreira de Cónegos, deste concelho.

Aviso.—O Praso para apresentação de petições á cêrca de adiamento do serviço militar dos mançêbos recenseados residentes no estrangeiro foi prorogado até 31 de Maio

Íntima.—Está entre nós, o nosso distincto conterraneo sr. Dr. Eduardo de Almeida, deputado por êste circulo.

Aprovação.—Foi aprovado superiormente o projecto e orçamento das obras de reforma dos passeios da Praça Afonso Henriques, e aformoseamento do largo do Trovador, desta cidade.

Passeio recreativo.

—A Direcção do Centro Escolar de Braga, reunida conjunctamente com os delegados da Academia da Escola Normal, resolveram rializar um passeio a esta cidade na primeira quinta-feira de Junho, sendo a chegada aqui ás 8 horas.

Excursão ao Porto.

—Reina grande entusiasmo pela excursão ao Porto que se realisa no dia 2 do proximo mês de Junho, levada a effeito por uma comissão de Operários, representantes das diversas colectividades Vimaraneses.

Os bilhetes, ao preço de 600 réis cada um, ida e volta, divididos em senhas de 110 réis, já se encontram á venda nos seguintes locais:

Associações de Classe, Chapelaria Martins, Chapelaria Lemos, Camilo Larangeiro dos Reis, Barbearia Machado e Barbearia de Manoel Calixto.

Espectáculo.—Nos dias 6 e 10 de Maio, rializam-se no Teatro Afonso Henriques, pela Companhia do Teatro Nacional de Lisboa, duas récitas de assinatura com as aplaudidas peças *20: 000 Dollars*, *Burguez Fidalgo* e a comédia num acto *Como se escolhe um genro*, encontrando-se desde já aberta a assinatura.

Fazem parte desta companhia, além doutras notabilidades, os conhecidos e festejados artistas: Augusta Cordeiro, Lucinda do Carmo, Cecilia Machado, Maria Pia, Palmira Tôrres, Augusto Melo, Joaquim Costa, Inácio Peixoto, António Pinheiro, Luis Pinto e Carlos Santos.

Descanço nas farmácias

No próximo domingo encontra-se aberta a farmácia Barbosa.

Teatro Avenida de Lisboa

A célebre Operêta

Casta Suzana

Evidenciada antecipadamente por uma usurpação de direitos que uma outra empresa de Lisboa pretendia fazer á do Teatro Avenida da mesma cidade, a operêta «Casta Suzana», actualmente em scena neste último teatro, está obtendo um successo que, passando os subúrbios da capital e estendendo-se a todo o país, chega até nós já com um tal renome, que não hesitamos em aconselhar aos nossos leitores a preferênciade de tam belo espectáculo quando visitem a primeira cidade da nação.

As enchentes no Teatro Avenida de Lisboa succedem-se entusiasticas, esgotando-se todas as noites a respectiva lotação.

A «Casta Suzana» será pois uma peça que tam cedo não sairá do cartaz, não só pela graça de que é recheada como pelo brilhantissimo desempenho que lhe dá a companhia dirigida pelo imminente artista José Ricardo, e de que faz parte a notabilissima actriz Cre-

milda de Oliveira, e pela fôrma deslumbrante porque a emprêsa a pôs em scena.

Eis em poucas palavras o gracioso entredo da famosa operêta: «O Barão Conrado des Aubrais», um sábio francês e membro da Academia, casado com Delphina e pai de dois filhos, Jaqueline e Humberto, parece a toda a gente um homem austero, que só se dedica a estudos rígoros. É adepto das teorias de hereditariedade em que se afirma que os defeitos dos pais passam aos descendentes, sendo considerado no assunto uma grande autoridade. Entretanto, esse sábio é um pandego de primeira ordem. Finge entregar-se de noite a estudos profundos, no seu gabinete, para, mais á vontade, frequentar todos os pontos da vida alegre de Paris, especialmente os afamados bailes do Moulin Rouge.

Ali se encontra com seu filho Humberto, que, também parecendo muito sério, se apresenta em companhia da «Casta Suzana», esposa de Pomarel, capitão da reserva e proprietário de uma fábrica de perfumes numa pequena cidade da provincia, o qual, por sua vez, nunca teve occasião de frequentar os grandes centros do «demi-monde», como por exemplo os mesmos bailes do Moulin Rouge.

A sua esposa, a «Casta Suzana», que se aborrece da vida monotonna da provincia, também resolve procurar distração em Paris. Ahi reata as suas antigas relações com o tenente Renato, que, por sua vez, já caiu nos laços do amor e se resolve a casar com a filha do barão Conrado de Aubrais.

Depois de muitos «qui-pro-quos», toda a familia se encontra uma noite, casualmente, no Moulin Rouge, o que dá ensejo a situações do mais requintado sabor cômico.

Afinal, vence a teoria do barão — que o filho é sempre, até nas suas más ações, herdeiro do pai.

No último acto tudo se explica. A «Casta Suzana» vê continuada a sua reputação de mulher virtuosa; Pomarel, o fabricante de perfumes, continúa confiando na fidelidade de sua esposa; e tenente Renato casa-se com Jaqueline, e Delphina jura ainda e sempre que o marido passa as noites trabalhando no seu gabinete de estudo.

No «can-can» do segundo acto apresenta-se o novo corpo de baile daquele teatro, de que fazem parte as gentis irmãs Lily e as primeiras bailarinas Filipa Diaz e Maria Barberá.

que era melhor desistirem da fundação da Caixa.

Responderam-me que a Caixa devia ser obrigatória para todos, para assim ter a importancia precisa, e que não desistiam da fundação da mesma, sendo dessa opinião também o operário Fernando Rodrigues.

Depois disto, nesse mesmo dia, alguns dos operários reuniram na Associação discutindo o assunto, protestando contra a fundação da Caixa e attribuindo-me a intenção de destruir a sua Associação, como se eu tivesse nisso algum interesse. Nesse grito de revolta e nessas afirmações caluniosas salientou-se o operário Fernando, o mesmo que foi o iniciador e apologista da Caixa de Socorros, incitando os companheiros á desordem, a insultar e agredir alguns dos companheiros especialmente um operário natural do Porto, chamado David.

Foram tais e tantas as queixas que me fizeram do operário Fernando que eu, vendo nele um elemento de desordem e de indisciplina, resolvi despedi-lo, convidando-o a procurar trabalho noutra casa no prazo de quinze dias.

É esta, sr. redactor, a segunda acuzação que se me faz.

É possível que no meio da indisciplina que se nota nas diversas camadas sociais alguém sensure o meu procedimento; eu, porém, estou com a minha consciência tranquila. Não nego aos nossos operários os direitos que lhes pertencem, mas exijo também o cumprimento dos deveres correlativos.

E, se é certo que o patrão não deve ver no operário um escravo, o operário não deve nem poder em nome das reivindicações sociais, faltar ao respeito que é devido ao patrão, que tem de manter a ordem e a disciplina dentro da sua casa.

Sr. redactor: Eu tive uma grande aspiração—duma modesta oficina de marceneiros quiz fazer uma escola. Alguma coisa consegui, pois se diz que o nosso estabelecimento honra a indústria vimaranense, e eu tenho tido muitas provas de apreço e consideração, em encomendas de mobiliário que me tem sido feitas de diferentes terras do país, inclusivé de Lisboa e Porto.

Quiz fazer do operariado da nossa casa uma familia em que todos nos auxiliássemos e nos estimássemos como irmãos. Julgava que o tinha conseguido, mas o facto de que me estou occupando veio trazer-me a triste certeza de que ainda não consegui realizar esse desideratum.

Oxalá que se restabeleça a paz e a ordem.

Que todos tenham a nítida compreensão dos seus deveres, e que o operariado se habitue a ver nos seus patrões os amigos que o auxiliam e não os tiranos que o escravizam!

Agradecendo, sr. redactor, a publicação destas linhas no seu conceituado jornal,

Sou de V...

Guimarães, 30 de Abril de 1912.

João de Sousa Neves.

Torneio aos pombos

Realisa-se no dia 17 do corrente, em Cabeceiras de Basto, um importante torneio aos pombos promovido por um grupo de atiradores Cabeceirenses, sendo a inscrição franca a todos os atiradores, achando-se aberta no estabelecimento do sr. Candido Gonçalves Basto, Campo do Sêco, a quem todos os pedidos devem ser dirigidos.

Haverá 5 magníficos prémios, sendo o 1.º oferecido pela Câmara Municipal, o 2.º pelas damas, o 3.º pelo Comércio, o 4.º pelos Empregados de Comércio e o 5.º pela Comissão promotora.

As pules são de 3 pombos e a inscrição custa 1\$500 réis.



Algumas notas da sessão camarária de de 16 de abril de 1912.

Presentes os cidadãos Cardoso, Martins, efectivos, e Florêncio Leite Lage, substituto, prestando este a legal declaração de honra, vogais da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, sob a presidência do respectivo presidente, o cidadão José Pinto Teixeira de Abreu.

Lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, pelas 12 horas, foi pelo sr. presidente declarada aberta a sessão.

Arrematações—Da obra de reparação e melhoramento na casa do ginásio no Internato Municipal de Guimarães, para a apropriar a escola municipal, sob a base de licitação de 120\$000 réis; foi adjudicada a João Pereira Guimarães, carpinteiro, desta cidade, pela quantia de réis 118\$400, como tudo melhor consta do auto de arrematação que se lavrou e fica adjunto ao respectivo processo.

—Não havendo licitantes para as arrematações da iluminação pública, nas freguezias de Creixomil, logares do Miradouro e Souto dos Mortos, e S. Jorge de Sêlho, lugar do Pevidem, e, sendo esta a segunda praça, resolveu, nos precisos termos da lei, custear-las por administração propria.

Balanço—Ficou inteirada do balanço dado do respectivo tesoureiro, relativo á semana finda em treze do mês corrente, o qual acusa os seguintes saldos: Em depósito na Caixa Económica, 85\$905 réis; idem, na Caixa Geral dos Depósitos, 8: 251\$332 réis, e, em dinheiro no Cofre réis 1: 793\$080.

Participação—Do sub-Chefe dos Impostos Municipais, com data de hoje, participando que o guarda n.º 4 Antonio de Sousa Lima, pediu a demissão do seu cargo no dia 11 do corrente; e que por determinação do ex.º sr. presidente, foi substituído por Joaquim Salgado, que tem desempenhado satisfatoriamente o cargo.

—Participa mais que o guarda Francisco Freiria, n.º 11, continúa a cometer faltas, e que no domingo ultimo, tendo sido escalado para deitar varejo, conjuntamente com outro guarda, na festividade e arraial da Senhora da Luz, abandonou o serviço, deixando o companheiro só, transgredindo as ordens que recebera; comunica mais que o guarda n.º 10 José Antonio Gomes Guimarães, vai pedir licença afim de empregar o tempo em serviços particulares, a qual lhe não deve ser concedida a bem do serviço; inteirada. Tomando acêrca desta participação as seguintes deliberações.

—Que, concorda na admissão temporária do guarda a que se refere aquela participação; que em face da deliberação tomada em uma das sessões anteriores a propósito de faltas dos empregados da fiscalização dos impostos, resolve dispensar do serviço o guarda participada, Francisco Leite Pereira de Sá Sotto Maior Pizarro. Resolveu que não possa ser conservado ao serviço da fiscalização dos impostos, qualquer empregado que seja proprietário de qualquer taberna ou que tenha pessoa de familia com este ramo de negócio, ou ainda rendagem de generos sobre que incidam os impostos camarários.

(Continua).

Arrematação

(2.ª publicação.)

No dia 12 do próximo mês de Maio, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial, de esta comarca, sito na rua das Lamelas, desta cidade, hão de vender-se em hasta pública, e por maior lanço oferecido acima do já oferecido, os seguintes prédios:

Uma morada de casas de três andares situadas com os n.ºs 29 e 31 na rua de Alcobça, freguesia de S. Paio, de esta cidade, que é de natureza alodial, está descrita na Conservatória sob o n.º 2:520 a fl. 4 do livro B-13; sendo oferecido por ela a quantia de 400\$000 réis;

Uma outra morada de casas de dois andares situada com o n.º 76 na rua Egas Moniz, da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, desta cidade, é de natureza alodial, está descrita na Conservatória sob n.º 7:815 a fl. 4 v. do livro B-27, sendo oferecido por ela a quantia de 150\$000 réis.

Estes prédios pertencem á herança do falecido João de Oliveira Matos, viuvo e morador que foi nesta cidade. As despesas da praça, assim como a contribuição de registo por inteiro, são pagas pelo arrematante.

Guimarães, 19 de Abril de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Caetano Faria de Lima.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal deste concelho de Guimarães, faz público:

Que todas as pessoas obrigadas a aferir balanços, pêsos, medidas e quaisquer instrumentos de pesar e medir, devem cumprir esta obrigação desde o dia 1.º de Maio até 30 de Junho dêste ano, para o que estará aberta a oficina municipal de afilamento, na rua de Francisco Agra, n.º 63, todos os dias uteis, desde as 10 ás 14 horas.

Que todos os instrumentos, tais como balanços decimais, por mais pesados ou incómodos que sejam, devem ser apresentados naquela oficina para serem competentemente verificados e aferidos.

Que quem não satisfizer estas obrigações, incorre nas multas legais.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que serão afixados nos logares mais públicos da cidade e concelho.

Guimarães, 20 de Abril de 1912.

O Presidente da Comissão, José Pinto Teixeira de Abreu.



Quem preciso levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta socção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendível.

Um industrial que procura justificar-se perante a atitude dos seus operários em greve

Sr. Redactor da «Alvorada»

Não tencionava eu vir a público dar explicações á cerca dos operários marceneiros, desta cidade, principalmente dos empregados na nossa officina.

Com bastante experiência da vida, sabendo que as excitações de momento não são as melhores conselheiras para se solucionar conflitos desta natureza, assisti impassível ao movimento que se desenrolava, vi um manifesto que se publicou, e esperei que a excitação acalmasse e que ao espirito dos operários viesse a reflexão ponderada e calma, sem a qual não pôde haver justiça nas reclamações, nem prudência no modo de as fazer. Vendo, porém, que o jornal que v... dirige, fundando-se nas afirmações do manifesto, descobre em mim uma intransigência incompatível com a minha educação e com o meu sentimentalismo, eu peço licença para nas colunas da «Alvorada» esclarecer o assunto, narrando os factos tais como se deram, afim de que o tribunal da opinião pública profira o seu veredictum, segundo os principios da mais austera justiça.

Quais são as principais acuzações que se me fazem!

São: 1.ª—Pretender fundar uma caixa de socorros para os operários da nossa officina, com o fim de lançar por terra a Associação de Classe dos Operários Marceneiros e Artes Correlativas.

2.ª—Despedir da nossa officina, o operário Fernando Manoel Rodrigues. Quanto á primeira acuzação, devo declarar que nunca me apavorei com a fundação da Associação de classe.

Conheço bem o movimento associativo que caracteriza a nossa

época, louvo todos os que se empenham em melhorar a sorte das classes proletárias, e só lamento que em muitos casos tais associações não possam preencher cabalmente o fim beneficente e de mutuo socorro a que geralmente se destinam.

E a prova de que o movimento associativo me é sympático, está no facto de eu aplaudir a iniciativa duma Caixa de Socorros para os operários da nossa officina. Que o meu aplauso teria por fim lançar por terra a Associação de Classe dos Operários Marceneiros, como se afirma? Não, visto que muito antes de existir essa Associação já os operários da nossa officina haviam projectado fundar a caixa de socorros. No dia 5 de Dezembro de 1910, depois duma festa ou magusto que os nossos operários costumam realizar, precedido dum espectáculo no salão da officina, transformado em teatro, a que costumam assistir algumas familias e pessoas das nossas relações e dos operários, o operário Fernando Rodrigues pretendeu fazer uma quete com o fim de fundar nessa occasião a caixa de socorros. Resolveu-se, porém, adiá-lo, ficando todavia assente que a caixa se fundaria num futuro mais ou menos próximo, pois era essa a opinião da maior parte dos nossos operários, a quem eu animava por me parecer que a caixa de socorros mais lhes convinha. No domingo, 14 do corrente, alguns operários pediram-me para convocar uma reunião dos seus companheiros, afim de se discutir este assunto. Acedi ao seu pedido, reuni-os na officina, compareceu a maior parte, e, se é certo que me diziam que a maioria votava pela fundação da Caixa de Socorros, outros notei eu de opinião contrária, declarando que lhes não convinha contribuir para a Associação e para a Caixa de Socorros.

Compreendi que o assunto estava prejudicado por não haver unanimidade de votos, e declarei

A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapéus, Bofets, Gravatas, Collarinhos, Suspendórios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

CACHE-COLS

SAPATOS DE BORRACHA

Agente da casa de carimbos de borracha de JOÃO H. VIEIRA, de LISBOA

MANOEL C. MARTINS

7, Passeio da Independencia, 9—GUIMARÃES

PADARIA

—DE—

Joaquim de Sousa Neves

Especialidade em BUDOU, e pão de milho

Rua da Liberdade (à Cruz de Pedra)

GUIMARÃES

Ao Guarda-sol Elegante

CHEGARAM AS SOMBRINHAS

RUA DA REPUBLICA

GUIMARÃES

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os surs. assignantes 25 % de abatimento.	

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras. Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão